

Sebastianismo e Quinto Império: o nacionalismo pessoano à luz de um novo *corpus*

Jorge Uribe* e Pedro Sepúlveda**

Palavras-chave

Nacionalismo Místico, Fernando Pessoa, Mito, Sebastianismo, Quinto Império, Edição

Resumo

Partindo dos materiais disponibilizados na recente edição *Sebastianismo e Quinto Império* (Ática, 2011), propõe-se uma leitura dos textos pessoanos que se debruçam sobre o autoproclamado «nacionalismo mystico» do autor de *Mensagem*. O trabalho no espólio da Biblioteca Nacional de Portugal e na Biblioteca Particular do poeta à guarda Casa Fernando Pessoa permite novas abordagens deste assunto, frequentemente considerado marginal. A temática vê-se integrada nas questões centrais da obra, nomeadamente o fenómeno da proliferação da escrita através de autores ficcionais.

Tendo por base uma nova organização dos textos que toma em consideração as suas características materiais, o artigo apresenta um comentário sobre o modo como Pessoa abordou progressivamente o mito da identidade nacional. Esta abordagem revela paralelos com outros tipos de escrita pessoana, remetendo ainda que não necessariamente para uma unidade absoluta pelo menos para traços comuns que permitem entender melhor facetas vistas amiúde como incompatíveis.

Keywords

Mystical Nationalism, Fernando Pessoa, Myth, Sebastianism, Fifth Empire, Edition

Abstract

Based on the materials made available in the recently edited book *Sebastianismo e Quinto Império* (Ática, 2011), this article proposes a reading of Pessoa's texts concerning the self-proclaimed «mystical nationalism» of the author of *Mensagem*. The study of the archive at the Portuguese National Library and of the Private Library of the poet located in Casa Fernando Pessoa allows for new approaches on this subject, frequently considered as marginal. The topic is seen as integrated in the central issues of Pessoa's works, namely the phenomenon of a proliferation of writing through fictional authors.

Through a new organization of the texts that takes into account their material characteristics, the article presents a comment on Pessoa's progressive approach of the myth of national identity. This approach shows parallels with other types of writing in Pessoa's works, referring even if not necessarily to an absolute unity at least to common features that would allow better understanding of different facets often regarded as incompatible.

* Universidade de Lisboa.

** Universidade Nova de Lisboa.

Libertar a metaphysica da sua ambição de attingir a verdade, que, ou é inatingível de todo, ou só attingível pela sciencia, ou talvez só pela /religião/. Integrar, pois, a metaphysica na literatura, fazendo da construcção de mysterios philosophicos uma forma de arte, um entretenimento superior do espirito, do espirito literario sobretudo.

Fernando Pessoa, *Sebastianismo e Quinto Império*, t. 21¹

Em 1979, um cuidadoso levantamento de documentos do espólio de Fernando Pessoa (BNP/E3)² associados ao tema da nacionalidade portuguesa, realizado por Maria Isabel Rocheta e Paula Morão, adquiriu a forma de livro sob a coordenação de Joel Serrão. Este livro, intitulado *Sobre Portugal: Introdução ao Problema Nacional*, publicado pela Ática, foi o segundo tomo de uma tríade – constituída ainda por *Da República* (1978) e *Ultimatum e Páginas de Sociologia Política* (1980) – e trouxe ao conhecimento do público uma noção mais ampla da escrita pessoana dedicada a Portugal, no âmbito da qual são tratados assuntos políticos, históricos, religiosos e também, ainda que não sempre de forma explícita, questões de índole estética. Estes três livros foram tanto uma importante contribuição para o discernimento do pensamento político de Pessoa, fortemente associado a uma reflexão de cariz nacional, como a maior fonte de conhecimento, na altura, de um tipo de prosa pessoana cuja necessidade de ingerência sobre o leitor é constitutiva da própria escrita. Em *Sobre Portugal*, se bem que o objectivo da edição seja mais abrangente, o interesse de Pessoa pelos mitos do sebastianismo e do Quinto Império apresenta-se não como assunto acessório à configuração de um pensamento nacional mas precisamente como o ponto de partida sobre o qual o poeta projecta o seu labor de transformador da nação. Após este primeiro acontecimento editorial, muitas outras páginas sobre o sebastianismo e o Quinto Império vieram a ser publicadas em diversas edições que, organizadas por critérios temáticos ou apresentando visões panorâmicas dos documentos inéditos do espólio, fizeram crescer o número de documentos editados nos quais Pessoa trabalhou as questões do sebastianismo e do Quinto Império como motivos fundamentais da sua mundividência.

A impossibilidade de fazer uma edição única à qual um texto pessoano, inacabado ou elaborado quase que espasmodicamente, *naturalmente* pertença, é uma condição com a qual tanto os editores como os leitores da obra têm de conviver, por este facto, em lugar de ter de ser tomado como uma dificuldade de leitura, ser um traço característico da obra, consequência directa da multiplicidade de registos nos quais Pessoa escrevia, tanto sob o seu nome, como sob os nomes

¹ Os textos que integram a edição *Sebastianismo e Quinto Império* serão referidos neste artigo com a abreviatura *t.* e o número do texto correspondente à organização do livro.

² Utilizamos a abreviatura BNP/E3 para referir o espólio número 3 da Biblioteca Nacional de Portugal, que contém a maior parte dos documentos deixados pelo poeta e CFP para referir os livros que constituem a sua Biblioteca Particular à guarda da Casa Fernando Pessoa.

dos autores criados por ele próprio ou ainda sem uma autoria definida. De aqui se depreende que muitos textos que foram editados em *Sobre Portugal* tenham sido reeditados em contextos diametralmente diferentes. Dizer que um texto é sobre sebastianismo e/ou o Quinto Império implica poder estabelecer relações entre textos que Pessoa designou explicitamente como dedicados a tais assuntos e outros que, embora pertençam a projectos de outra índole, tocam o assunto de um modo tangencial.

Trinta e dois anos após a publicação de *Sobre Portugal*, a Ática apresenta uma nova edição, desta vez dedicada exclusivamente ao sebastianismo e ao Quinto Império. Neste livro, *Sebastianismo e Quinto Império* (2011), são reeditados vinte e três dos textos que foram publicados pela primeira vez em 1979, outros trinta e cinco publicados de forma dispersa em diferentes edições,³ e são transcritos e organizados quarenta e três textos inéditos. Com base nas novas tecnologias, subsequentes à digitalização do espólio pessoano, são incluídas melhorias significativas na leitura dos documentos e na colação de materiais dispersos. A elaboração de uma edição dedicada ao sebastianismo e o Quinto Império passou pelo acto de, partindo de elementos que permitem situar os textos cronologicamente,⁴ historiar o percurso que estas temáticas tiveram no conhecimento público da obra de Pessoa, incluindo os textos que o próprio Pessoa publicou em vida em jornais e revistas, procurando dar uma visão tão completa quanto possível do conteúdo do espólio pessoano relacionado com essa parte que desde 1979 se vislumbrava para os leitores como fundamental no plano mais abrangente da obra, como aliás já indiciava o facto de *Mensagem* ter sido o único livro em português que Pessoa publicou.

A nova edição inclui dois anexos que visam apresentar uma visão mais completa da escrita pessoana, não por meio da intenção editorial de completar os textos inconclusos, mas pela concentração nos processos de escrita. O primeiro anexo é uma apresentação de materiais preparatórios de textos publicados por Pessoa em vida, que permitem ao leitor indagar sobre a forma como o poeta procedia e como chegava, ainda que não necessariamente a uma versão definitiva, à conclusão de que um texto estaria pronto para publicação. O segundo é dedicado

³ Em Anexo apresentamos a lista de referências da primeira publicação dos cinquenta e oito textos que já tinham sido editados anteriormente.

⁴ Datar um texto do espólio implica a possibilidade de estabelecer relações entre um documento e outros elementos constitutivos do mesmo espólio, entre os quais se destacam textos com características materiais semelhantes (tipo de papel, materiais de escrita, timbres e marcas de água, etc.) e reconstruir, pelo menos parcialmente, a história das intenções editoriais que o próprio Pessoa deixou inscritas abundantemente e em diversas épocas em múltiplas listas de projectos, planos de livros ou notas. O espólio é prolífico em datas, mas estas datas devem ser sempre consideradas criticamente e por esta razão cada nova edição de textos pessoanos deve trabalhar em estreita relação com as edições que a antecedem, aproveitando-se das hipóteses propostas pelos anteriores editores e instaurando um diálogo aberto com as mesmas.

a materiais bibliográficos, objecto e produto das pesquisas do próprio Pessoa, com a pretensão de integrar directamente os conhecimentos fornecidos por esse segundo espólio materializado na biblioteca particular do autor à guarda da Casa Fernando Pessoa (CFP).⁵ As leituras de Pessoa revelam-se nos seus textos sobre sebastianismo e o Quinto Império e a possibilidade de transportar o estudo da obra pessoana até às géneses do próprio texto, precisamente a partir das leituras que o poeta realizava, conduz a uma proliferação de relações textuais que enriquece os dois pólos da relação, isto é, tanto os textos que Pessoa escreveu como os que leu. Através deste tipo de estudo, o propósito foi o de elaborar uma edição dos textos pessoanos sobre sebastianismo e Quinto Império que estivesse fortemente vinculada com o resto da obra do poeta, de modo a tornar evidente que a sua abordagem da nacionalidade não deve ser considerada um assunto marginal ou secundário, mas um exemplo nuclear da forma como Pessoa trabalhava sobre o que mais o interessava. O modo como Pessoa abordava estes dois mitos revela fortes paralelos com outros tipos de escrita pessoana, nomeadamente aquela que se funda na criação de autores ficcionais, remetendo ainda que não necessariamente para uma unidade pelo menos para traços comuns que permitem entender melhor facetas vistas amiúde como incompatíveis, desde logo pelos críticos da *presença* após a publicação de *Mensagem*. Sob estas considerações propomos uma reescrita da história dos textos de Pessoa sobre o tema, procurando que esta narrativa vá ao encontro de outras possíveis histórias da sua obra.

Um sebastianismo entre textos de intervenção e de estudo esotérico

Já em 1912, menos de uma década após o seu regresso a Lisboa, Fernando Pessoa começou a manifestar uma forte curiosidade pela possibilidade de discernir um conteúdo místico presente na noção de nacionalidade portuguesa. O rapaz criado em Durban, na África do Sul, de onde regressara definitivamente em 1905, deu início ao processo de se naturalizar português, tanto no que diz respeito à língua como no desenvolvimento de um sentimento de nacionalidade, isto é, na criação de uma noção de propriedade correspondente entre uma nação e um indivíduo. É datável de 1912 o primeiro plano de publicações que se encontra no espólio onde Pessoa refere o sapateiro profeta de Trancoso, Gonçalo Annes Bandarra, figura fundamental do imaginário sebastianista desde a morte de D. Sebastião.⁶ Do mesmo ano data a publicação dos seus três controversos artigos, na

⁵ A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa, à guarda da Casa Fernando Pessoa, foi digitalizada entre 2008 e 2010 por uma equipa internacional e multidisciplinar coordenada por Jerónimo Pizarro, Patricio Ferrari e Antonio Cardiello. A maior parte do material digitalizado pode ser consultado no site <http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt>

⁶ O projecto de escrever um livro sobre Bandarra e as suas trovas acompanhou Pessoa ao longo de um largo período de tempo, oscilando entre a ideia de uma edição das *Trovas do Bandarra* e de um *Comentário Maior às Profecias do Bandarra*, ambas documentadas em diversos planos e listas de

revista *A Águia*, núcleo da nova Renascença Portuguesa, sobre a nova poesia portuguesa.⁷ Nestes ensaios, Pessoa compara os desenvolvimentos literários da história de França e de Inglaterra, para concluir que é iminente a aparição em Portugal do primeiro autor que sem deixar de ser profundamente nacional seria irrevogavelmente universal. Pessoa chama a esta primeira personagem da sua obra publicada *supra-Camões* ou *Super-Camões*, seguindo uma noção de literatura que se define em termos de relação com a tradição que o iria acompanhar ao longo de toda a vida.⁸

Embora seja até 1912 que se pode remontar a pesquisa do interesse e das prováveis primeiras leituras que Pessoa realizou sobre o sebastianismo, o verdadeiro começo do exercício de escrita sobre o assunto tardaria ainda alguns anos. Um dos exemplos mais eloquentes sobre o estado de germinação deste interesse pessoano é a carta de 8 de Setembro de 1914 dirigida a José Pereira de Sampaio, mais conhecido como Sampaio Bruno e reputado erudito republicano, próximo da maçonaria. Pessoa escreve:

[...] sinto que me atrai o misterioso, e porventura importantíssimo, fenómeno nacional chamado o Sebastianismo.

Os livros de V. Ex.^a, – que conheço, são bússola que me manda a fazer de V. Ex.^a o meu norte nisto em perguntar em que livros poderei estudar esse fenómeno. Refiro-me não só à história do seu aparecimento e vida, como à sua íntima feição religiosa. Finalmente gostaria de saber se esse fenómeno tem análogos na história de outras nações.

(t. 1)

Nesta declaração, sincera ou aparente, de neófito que se apresenta perante o mestre, Pessoa aponta para duas características fundamentais do seu tratamento do tema sebastianista, que estariam na base dos seus futuros escritos: 1) a «íntima feição religiosa» e 2) a necessidade de estudar o assunto em termos transnacionais. O que estaria a manifestar-se nesta carta do jovem Pessoa é uma vontade de estudo da nação à qual pertencia por nascimento, da que foi afastado por casualidade, e à qual regressara com um sentimento de responsabilidade e pertença, como fica

projectos. Incluímos na edição alguns dos textos que estariam destinados a estes projectos, sempre nos casos em que é explícita a relação temática com o sebastianismo ou o Quinto Império (cf. t. 2, 12, 49 a 52, 75 e 76 e, sobre os projectos, “Introdução” em *Fernando Pessoa: Sebastianismo e Quinto Império*, 2011 e a nota ao t. 12).

⁷ Cf. “A Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente Considerada” em *A Águia*, n.º 4, Abril de 1912, “Reincidindo” em *A Águia* n.º 5, Maio de 1912 e “A Nova Poesia Portuguesa No Seu Aspecto Psicológico” em *A Águia* n.º 9, Setembro de 1912.

⁸ Eduardo Lourenço relaciona estes termos com a ideia de superação, em moldes hegelianos, da tradição que remonta a Pascoaes e a Camões (cf. *O Labirinto da Saudade – Psicanálise Mítica do Destino Português*, 2000, p. 105) Como o mesmo refere noutro lugar, esta «profecia megalomânica» está ainda associada a uma «disputa concreta com outra obra sobre que se apoia para a transcender ou lhe imprimir um desvio que inteiramente a desloca» (cf. “Pessoa e Camões”. In *Poesia e Metafísica*, 2002, p. 237).

fortemente vincado no artigo de *A Águia*, que o próprio Pessoa usa como apresentação pessoal na carta a Bruno. Quais poderiam ser os fins que motivariam Fernando Pessoa a abordar este estudo da nacionalidade portuguesa? Uma resposta a esta questão pode ser encontrada na carta a Armando Côrtes-Rodrigues, enviada a 19 de Janeiro de 1915, na qual Pessoa, que dois meses após a sua redacção seria uma figura comentada no cenário cultural de Lisboa pela sua colaboração na revista *Orpheu*, confessava ao seu amigo:

Passou de mim a ambição grosseira de brilhar por brilhar, e ess'outra, grosseiríssima, e de um plebeísmo artistico insupportavel, de querer *épater*. [...] Porque a idéa patriótica, sempre mais ou menos presente nos meus propositos, avulta agora em mim; e não penso em fazer arte que não medite fazel-o para erguer alto o nome portuguez atravez do que eu consiga realizar. É uma consequencia de encarar a serio a arte e a vida. Outra attitude não pode ter para com a sua propria noção-do-dever quem olha religiosamente para o espectáculo triste e mysterioso do Mundo.⁹

Pessoa, que como director de *Orpheu* viria a fazer parte de um dos episódios mais chocantes da história cultural portuguesa, antecipava-se, numa consciência autocrítica, a qualquer acusação de querer simplesmente *épater*, apoiando-se numa reminiscência de um interesse nacional que, como o próprio afirma, teria sempre presente. Nesta carta, o mesmo aponta para a força da relação entre o indivíduo e a nação quando defende que as suas acções deveriam transformar e glorificar a pátria, aliando a estas um sentido de missão e encontrando nesta espécie de simbiose de identidades uma justificação para a sua obra literária. Este procedimento pode ser visto como possível explicação para a proximidade verificável entre a escrita pessoana sobre o sebastianismo e uma outra escrita à qual dedicara múltiplas páginas num período paralelo à agitação da primeira Grande Guerra, entre 1914 e 1918.

As primeiras descrições que Pessoa faz do sebastianismo quase que apontam para este no sentido de um *ismo*, isto é, de mais um entre o conjunto de planos de revoluções culturais fundadas em apreciações estéticas da realidade, que seriam expressas em manifestos e outros textos com carácter interventivo.¹⁰ Pessoa esboçou os planos para o paúlismo, o interseccionismo, o sensacionismo, o atlantismo e trabalhou intensamente num exercício de escrita semelhante com relação ao sebastianismo onde, em esboços, anunciou «A Renascença» deste (t. 3), fixou os seus «Principios essenciaes» (t. 4) e explicou a sua «these» (t. 6). Pode, então, reconhecer-se um período que decorre entre 1914 e 1918, onde pelo menos três questões partilhavam o protagonismo na escrita pessoana e se enriqueciam de modo recíproco: 1) a criação dos *ismos* 2) a criação dos heterónimos e os múltiplos

⁹ *Sensacionismo e Outros Ismos*, 2009, p. 355.

¹⁰ Cf. t. 20 a 28 em *Sebastianismo e Quinto Império* e os múltiplos textos destinados a apresentar os *ismos* reunidos em *Sensacionismo e Outros Ismos*, 2009.

projectos de lançamento da obra de Alberto Caeiro e 3) o sebastianismo enquanto discurso messiânico nacional. Se os dois primeiros assuntos parecem manifestar o poder de dispersão que a obra de Fernando Pessoa inegavelmente tem, não é por um terceiro implicar uma concentração de forças que falaremos de uma unidade que se oponha à diversidade. Pelo contrário, o que se afigura como decisivo é entender como este movimento de concentração aparentemente contrário a uma dispersão acaba por contribuir para a configuração da obra como um todo, cuja história é possível traçar, ainda que neste procedimento nos tenhamos de confrontar com o desassossego das lacunas deixadas pelo autor ou pelo tempo.

Foram muitos os anos ao longo dos quais Pessoa escreveu sobre sebastianismo e D. Sebastião é um nome que aparece constantemente na sua obra, seja em poemas, seja como referência histórica ou simplesmente como *leitmotiv* de um tipo de escrita messiânica. Por esta razão, as repetições e o retorno, depois de vários anos, aos mesmos assuntos, poderiam parecer uma estagnação da criatividade pessoana, mas isto implicaria ignorar que é nas pequenas variantes na abordagem da temática que se desenha um desenvolvimento eloquente também com respeito a outras partes da obra. Pessoa reflecte constantemente sobre o sistema de categorização e hierarquização da sua obra, identificando os assuntos principais e subordinando a estes outros aspectos. Um destes movimentos de hierarquização pode ser reconhecido ao ver como o sebastianismo começa por ser um assunto que abrange o Quinto Império e acaba por estar subordinado a este último numa etapa de escrita cronologicamente posterior. Como objectivo necessário da nova edição da *Ática*, procurou-se ilustrar o passo da concentração na figura de D. Sebastião a um interesse crescente pelo mito do Quinto Império, isto é, esclarecer o modo como Pessoa cria uma inversão de hierarquias na relação entre os dois temas que estão, nos seus termos, naturalmente ligados.

Nos primeiros anos da escrita sebastianista, Pessoa refere o Quinto Império, o império definitivo e universal a ser alcançado após o regresso de D. Sebastião, apenas como resolução causal necessária e não como o objecto do seu discurso. Os textos de Pessoa de um primeiro período de escrita *sebástica* enfatizam figuras individuais, que desaparecem à medida que Pessoa se começa a concentrar na questão do Quinto Império. Nesta linha de ideias, pode referir-se o texto até agora inédito intitulado «*A Phase Mystica de Sidonio Paes*» (t. 30), associado a um conjunto de textos que Pessoa dedicou ao Presidente-Rei nos anos posteriores à sua morte:¹¹

[...] No terceiro periodo, que vae d'esse ponto vago á sua morte, elle não é já o Presidente Rei: é já, em esboço e adivinhamento, o preludio de qualquer outra cousa. Cahiu já sobre elle a antemanhã do Encoberto. Até alli elle fôra, primeiro, o concentrador das forças de reacção contra a tyrannia dos democraticos, forças, porém, nem sempre nobres, nem sempre altas, raras vezes patrioticas — mistura de indignação verdadeira, com baixa raiva, com germanophilia, com traição e insidia. [...]

¹¹ Cf. os textos reunidos em *Da República (1910-1935)*, 1978, pp. 229-267

A phase final, porém, por qualquer razão que não podemos medir, pol-o em contacto com cousas desconhecidas para o conhecimento exacto, cousas que pairam, indistinctas na alma da raça e são, na verdade, aquelle nevoeiro symbolico atravez do qual deve raiar o Encoberto.

(t. 30)

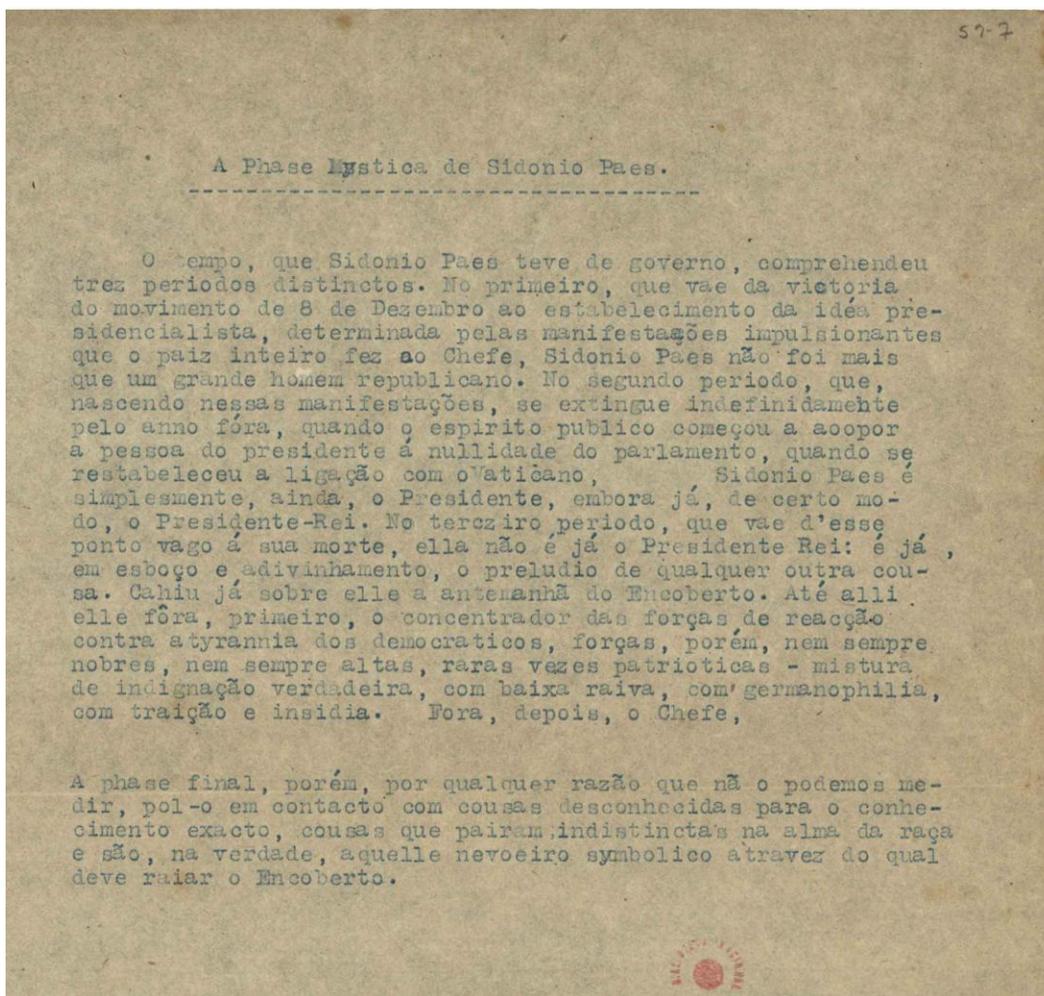


Fig. 1. BNP/E3, 59-7r

Neste texto, Sidónio Pais é caracterizado como o «concentrador das forças», o indivíduo que materializa a vontade de um povo e incarna o mistério que lhe subjaz. É neste mesmo sentido que Pessoa descreve D. Sebastião, num texto que também é publicado na nova edição pela primeira vez:

É dentro de nós, em nós e por nosso esforço, que tem de vir, e virá, D. Sebastião. O Sebastianismo só é infecundo e estiolante quando o interpreto litteralmente, como a speranza da vinda exterior do Rei ido, vinda que, sem nosso exforço, milagrosamente nos haja de salvar. [...]

(t. 14)

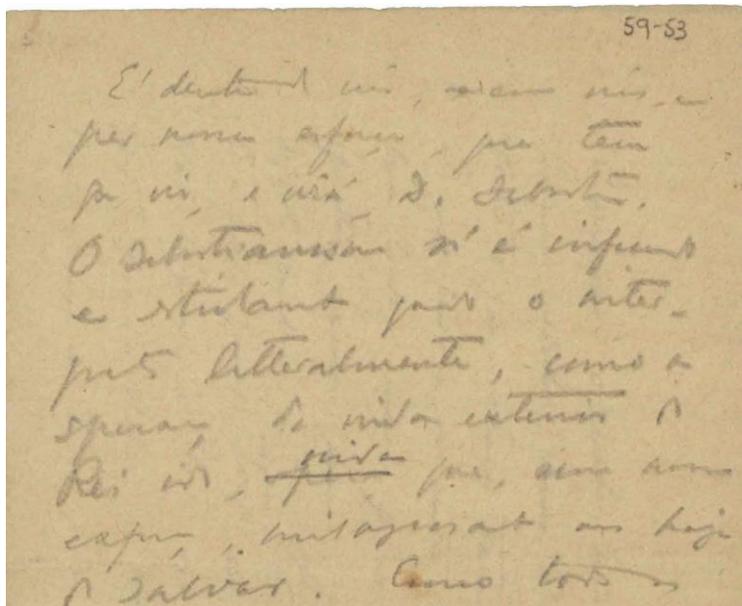


Fig. 2. BNP/E3, 59-53^r (pormenor)

A preocupação em centralizar e concentrar as forças de uma época e de uma nação e sintetizar várias forças num só indivíduo a ser reincarnado é constante no discurso pessoano, nomeadamente em textos onde se defende que os *Homens de Génio*, apesar de naturalmente marginais ao seu tempo, seriam os melhores representantes da sua época¹². Pessoa esforça-se por caracterizar D. Sebastião enquanto sujeito que transcende a sua dimensão individual, adquirindo a posição de figura simbólica de uma história universal, num procedimento que vai ao encontro do seu crescente interesse pelo pensamento teosófico e esotérico, desde a segunda metade dos anos 10 até ao final da sua vida em 1935. Não surpreende, então, que o rei surja como membro de uma mesma família espiritual à qual pertencem Sócrates, Júlio César, Jesus de Nazaré e Jacques de Molay:

Socrates — 1. Denouncer 2. People 3. Justicers
[Júlio] Caesar — 1. Friends 2. Popular enemies. 3. Executors
[Jesus] of N[azareth] — 1. Judas 2. Jews 3. Romans
[Jacques] de M[olay] — 1. Sq[uiinn] of Fl[o]yran] 2. Clement 3. Philip
D. Seb[astião] — 1. Ignorancia 2. Fanatis[mo] 3. Ambição

(t. 57)

¹² Cf. *Escritos sobre Génio e Loucura*, 2006, pp. 40-86 e, em especial, p. 63.

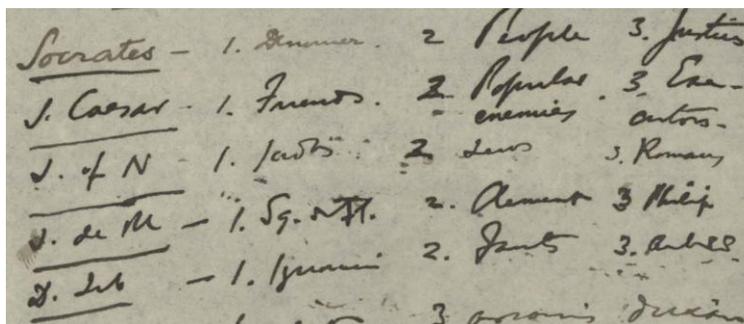


Fig. 3. BNP/E3, 125-85a' (pormenor)

Pessoa cria assim um espectro de relações que se concentram no valor simbólico de figuras que habitam os cimentos da cultura europeia, inscrevendo o sebastianismo numa história universal com várias personagens.¹³ Numa reelaboração histórica com fins literários, figuras e factos históricos são relacionados com forças imateriais que os transcendem. É neste processo de mistificação de episódios históricos que Pessoa encontra sentido e material para a sua escrita, e vale a pena referir brevemente um caso particularmente expressivo, onde Pessoa constrói a história dos seus antecessores, elaborando uma versão mais ou menos privada da história portuguesa. Num texto onde é abordado o jesuitismo, a Companhia de Jesus (*Societatis Jesus*) é descrita como tendo nascido de uma acção directa de altas ordens e é apontada uma insuspeitada relação com outras associações secretas, às quais não se encontra associada numa visão oficial ou ortodoxa da história:

[Os mações] Reconhecem, de mais a mais, que, tendo a S[ocietatis] J[esus] sido fundada por uma Alta Ordem mais perfeita, tem uma organização mais perfeita, e uma outra disciplina superior ás da Maçonaria.

Fundados pela O[rden] [de] C[hristo] para a transmutação alchimica da Eg[reja] Catholica, os Jesuitas □

(t. 16)

¹³ Os nomes de personagens que habitam esta história universal que Pessoa constrói estão quase exclusivamente vinculados com o contexto europeu. Ainda assim, surgem esporadicamente algumas referências que parecem ampliar as fronteiras da noção de universal que Pessoa esboça, sendo comuns, nos textos de carácter esotérico, as referências a nomes de divindades da religião egípcia faraónica e à Índia budista, ainda que sob o espectro do colonialismo britânico (cf. as referências a Osíris, Hórus, Ísis e Buda em “Índice Onomástico”, *Sebastianismo e Quinto Império*, 2011). No âmbito da temática sebástica encontram-se ainda referências à cultura árabe. Em termos gerais, esta parece merecer a atenção de Pessoa por constituir um traço característico da Ibéria, contrastando com as outras potências europeias. Um exemplo que evidencia este tratamento da cultura árabe são os dois artigos publicados por Augusto Ferreira Gomes, naquele que parece ser um trabalho conjunto com Pessoa, dedicados ao rei-poeta de Al’Andalus Al’Mutamide (Cf. “Anexo I”, *Sebastianismo e Quinto Império*, 2011).

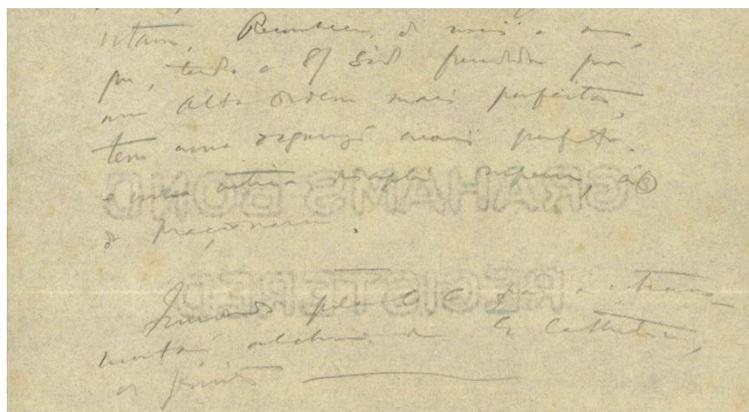


Fig. 4. BNP/E3, 53A-58^v (pormenor)

Se reflectirmos sobre o interesse que este tipo de afirmações pode ter para Pessoa, deve ser trazida a um primeiro plano a figura de António Vieira, pela qual Pessoa manifestou uma profunda admiração. Se foi a Ordem de Cristo que fundou a Companhia de Jesus – ainda que este procedimento não fique explicado no texto pessoano – e a Ordem de Cristo foi fundada pelo rei D. Dinis para proteger os membros da perseguida Ordem dos Templários em Portugal após a condenação do seu mestre Jacques de Molay, poderemos perceber mais claramente a designação que Pessoa atribui a António Vieira de um «Grão Mestre da Ordem Templaria de Portugal» (cf. t. 36). A partir destes dados, podemos igualmente entender melhor como Pessoa poderia afirmar, e com que implicações, num texto autobiográfico escrito no último ano da sua vida, que ele próprio teria sido «iniciado, por comunicação directa de Mestre a Discipulo, nos trez graus menores da (apparentemente extincta) Ordem Templaria de Portugal» (t. 37). Pessoa, como Vieira e Bandarra, assume a tarefa de profeta daquele Portugal idealizado ao qual quer pertencer:

Quando Antonio Vieira quiz basear em qualquer coisa a sua fé natural nos destinos superiores da Patria, que coisa foi o que encontrou? As prophcias desse sapateiro de Trancoso. Amou-as e as commentou o maior artista da nossa terra, o Grão Mestre, que foi, da Ordem Templaria de Portugal.

(t. 36)

Para elogiar Bandarra, Pessoa fala de Vieira, mas ao chamá-lo o Mestre da Ordem Templária aproveita para se referir a si próprio, enquanto iniciado na mesma ordem, e neste esquema de relações e de dinâmicas entre figuras históricas e mistificações das mesmas podemos também entender, ou pelo menos chamar com maior insistência a atenção sobre o facto de *Mensagem* ter uma parte intitulada *Os Avisos*, onde o primeiro poema possui o título *Bandarra*, o segundo *António Vieira* e o terceiro simplesmente *Terceiro*, referindo-se de maneira tácita à figura do autor do poema, isto é, ao próprio Fernando Pessoa, que pela sua escrita pretende refazer a história de Portugal em função dos seus próprios propósitos literários. É

deste modo que se pode constatar como a informação que estes textos albergam, ainda que sejam apenas esboços de livros e de ensaios nunca escritos, ou nunca concluídos, é parte integrante e activa dentro de uma concepção mais abrangente do que é a obra pessoana.¹⁴

O Quinto Império como lugar da resolução profética

Pessoa leitor de António Vieira herdaria muito mais do que o nome da ordem que o jesuíta supostamente liderava. Na forte relação que o poeta modernista queria construir com o seu pretendido antecessor pode também encontrar-se uma das razões que terão conduzido a uma mudança da concentração no sebastianismo para o mais abrangente mito do Quinto Império como objecto principal do discurso. Vieira não foi um sebastianista, de facto boa parte dos seus textos referem-se em termos negativos e displicentes a esse pensamento, que colocava em causa os interesses da casa de Bragança, protectora dos Jesuítas. Os seus dois textos sobre o destino de Portugal – *Esperanças de Portugal. Quinto Império do Mundo* e os esboços da *História do Futuro* – tratam amplamente a questão de como o rei D. João IV havia de ser fundamental para a concretização do Quinto Império, ainda que para fazê-lo tivesse de ser ressuscitado de entre os mortos.¹⁵ Não obstante não ser D. Sebastião o protagonista da história de Vieira, o objecto principal da sua erudição na *História do Futuro* consiste em expor como a progressão dos impérios que correspondem aos quatro anteriores (Babilónia/Assírio, Medo-Persa, Grécia e Roma) anuncia as razões pelas quais o Quinto só pode corresponder a Portugal e não a outro candidato, menos improvável, como por exemplo a Espanha de Filipe VI ou de Carlos II. Pessoa retoma esta tarefa de interpretação profética nos mesmos termos que Vieira, com a mudança substancial de não ser Espanha o seu concorrente directo na atribuição das glórias futuras mas o inegável Império Inglês, do qual ele próprio era testemunha directa e até certo ponto produto. Com este propósito, Pessoa escreveu múltiplos textos que têm permanecido inéditos até hoje, sendo o exemplo mais significativo um ensaio de vinte e uma páginas manuscritas onde aborda a questão

¹⁴ Numa linha argumentativa semelhante com a deste raciocínio, Richard Zenith apresentou alguns aspectos da relação literária que Pessoa desejou construir entre ele próprio e o Jesuíta: «António Vieira é o imperador do *Portugal* que Pessoa idealizou – um Portugal vocacionado para encabeçar o Quinto Império espiritual/poético/gramático – e também imperador do Portugal que Pessoa escreveu, mudando o título para *Mensagem* quando o livro já estava no prelo. De certa forma, os dois “Portugal” – o país inclinado à poesia e o livro-poema publicado em 1934 – são uma e a mesma entidade no pensamento de Pessoa» (“António Vieira, Imperador do Portugal pessoano”, em *Pessoa, Revista de Ideias*. Nº 3. Casa Fernando Pessoa, Junho de 2011, p. 40).

¹⁵ António Vieira, “*Esperanças de Portugal, Quinto Império do Mundo. Primeira e segunda vida de El-Rei D. João IV*, escritas por Gonçalo Eanes Bandarra” em *Obras Escolhidas v. 6*. Edição de António Sérgio e Hernâni Cidade. Lisboa: Sá da Costa, 1952.

de forma detalhada, fazendo todas as interpretações do sonho de Nabucodonosor, descrito no livro de Daniel, que considera possíveis, e aceitando que o Quinto Império tem vários níveis de interpretação:

II.

Toda profecia tem, por uma regra cujo fundamento não vem ao proposito indicar, trez interpretações diferentes, cada uma em seu nivel, e todas ellas verdadeiras, cada qual no nivel que é seu. É o que se representa simbolicamente pelos trez pés da tripeça.

No caso de uma profecia ampla e profunda, como a que se contém no sonho de N[abuchadnezar], a tripla interpretação é — material, espiritual e divina. Segundo as trez principaes ordens do ser manifestado, ou, se se preferir, os trez planos do mundo manifesto.

A interpretação de Daniel é a material, e assim começa, directa e immediatamente, no mesmo rei que sonhara o sonho. Daniel, porém, não definiu o que seriam os quatro imperios que se seguiriam ao do rei, [64^r] que o era da Babylonia. Não fez mais que dizer que as quatro divisões da figura representavam imperios, e que o primeiro, o de ouro, a cabeça, significava o de N[abuchadnezar]. Dito isto, tudo mais segue /corollariamente/, salvo a indicação de que a pedra, que, extranha e opposta á figura, a destroe, é um imperio tambem — o Quinto Imperio.

(t. 61)

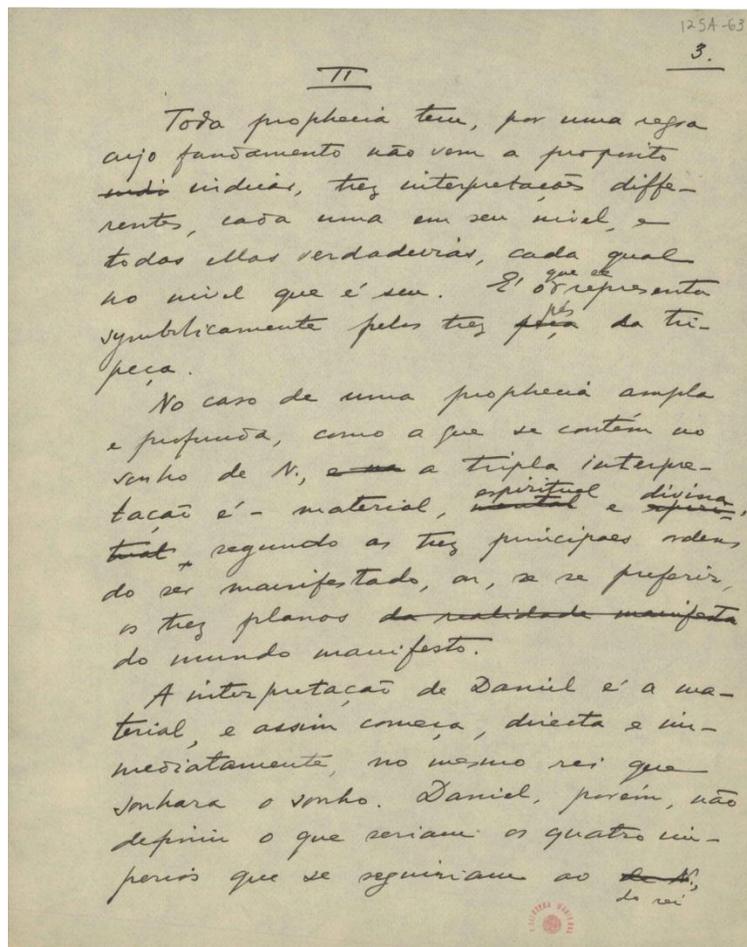


Fig. 5. BNP/E3, 125A-63^r

Pessoa faz um espantoso exercício de permutas históricas e de análises, mais ou menos rigorosas, sobre o que considera ser a evolução do pensamento europeu, apontando sempre para o seu interesse em erigir Portugal como a nação onde se consumará o Quinto Império. Para conseguir os seus fins deve actualizar a atribuição dos impérios que anteriormente fora adoptada por Vieira, Camões e por outras figuras de relevo da história intelectual portuguesa e justificar a sua atribuição. Pessoa distingue três planos de interpretação da profecia de Daniel e escolhe aquele que considera o mais pertinente para atingir os seus propósitos interpretativos:

No plano material, que é o que se tem supposto até agora ser o unico, os quatro Imperios que precedem o Quinto são os de □, de □, de Grecia, de Roma; o Quinto será o europeu, de sorte que nesta interpretação a prophecia está consummada. Estamos já, segundo ella, no Quinto Imperio.

No plano intellectual, como o reino da Intelligencia começa só com a Grecia, onde nasceu o espirito critico, que é o em que a intelligencia se define, os quatro imperios são o grego, o romano, o cristão ou medieval, o europeu, e ainda falta o quinto, que deverá ser o Universal.

Na ordem espiritual, como o dominio do espirito verdadeiramente começou com os egypticos, os trez primeiros imperios são o de Osiris, o de Baccho, e o de Christo, em que estamos, devendo notar-se que, entendidos em certo modo, estes trez Deuses são trez fórmulas do mesmo Deus. Faltam-nos ainda dois magnos imperios até á consummação dos tempos e cessação de ser necessario o mundo.

O sentido em que tomaremos particularmente as prophecias aqui expressas é o segundo, pois o primeiro está extincto, o terceiro muito longe na sua consummação.

(t. 56)

Dito isto, o passo seguinte está em mostrar como Portugal poderá encontrar o seu lugar dentro deste sistema. Neste procedimento, Pessoa concentra-se constantemente na descrição do que entende por Quinto Império e esboça várias definições do mesmo, sem que seja evidente que se decida por uma em particular, ainda que em todas seja possível reconhecer os traços fundamentais nos quais assenta uma relação directa entre a questão do Quinto Império, o problema da identidade e esse princípio poético que Pessoa expressou sob o nome de Álvaro de Campos: «Sentir tudo de todas as maneiras»:¹⁶

Assim temos que no Quinto Imperio haverá a reunião das duas forças separadas ha muito, mas de ha muito approximando-se: o lado esquerdo da sabedoria – ou seja a sciencia, o raciocinio, a speculação intellectual; e o seu lado direito – ou seja o conhecimento occulto, a intuição, a speculação mystica e kabbalistica.

(t. 51)

¹⁶ Cf. “A Passagem das Horas”. *Poemas de Álvaro de Campos*, 1990, pp. 94 a 113 e *Álvaro de Campos. Poesia*, 2002, pp. 191 a 215.

No Quinto Império que Pessoa pretende poderão reunir-se precisamente essas duas tendências aparentemente opostas, que já se manifestavam claramente nos seus textos sobre sebastianismo, onde a intervenção social se apoiava, ou pretendia pelo menos invocar como base uma linguagem sociológica que impregnara de cientismo a vontade de transformar a sociedade e se encontrava constantemente sobreposta a essa sedução hermética das múltiplas interpretações, na procura de um vínculo secreto que une todas as coisas. Pessoa fazia assim do seu Quinto Império, Portugal, a nação onde ele próprio teria lugar, ou, como já formulou Jacinto do Prado Coelho, quando em 1964 foram publicados os primeiros textos sobre esta questão: «Pessoa propõe a Portugal, sua criatura, a aventura espiritual em que ele próprio se empenhou», «o Quinto Império em que todos os Portugueses, segundo o poeta, deveriam colaborar assemelha-se estranhamente ao que ele próprio empreende pelo desdobramento nos heterónimos [...]».¹⁷ Se a criação de heterónimos pode ser entendida como resposta estética às limitações próprias das possibilidades expressivas de um indivíduo, criando um espaço de encontro entre posições divergentes que se tornam complementares, o Quinto Império é apresentado como resolução harmoniosa da história das oposições nacionais. A nação, pensada analogicamente como um indivíduo alargado¹⁸, ocupa o seu papel essencial numa escrita pessoana que pretende libertar-se da sua individualidade para se inscrever numa história universal por meio da linguagem profética:

A vida humana é feita de esperança, e porisso a vida das nações, que é a vida humana maior, é feita de prophcias.

(t. 59)

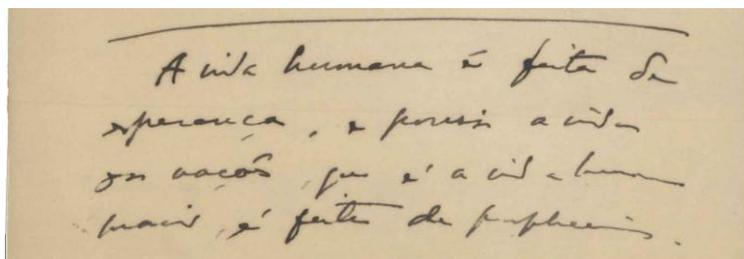


Fig. 6. BNP/E3, 125A-51' (pormenor)

É precisamente neste sentido que numa última fase da prosa pessoana que aborda a questão do destino nacional o principal objectivo que parece reger os projectos de livros de Pessoa é o da criação das condições necessárias que

¹⁷ Cf. "O nacionalismo utópico de Fernando Pessoa", em *Colóquio Artes e Letras*, n.º 31. Lisboa: Dezembro de 1964, p. 56

¹⁸ A analogia entre as descrições de um indivíduo e da nação, ambos pensados enquanto organismo, e a caracterização dos heterónimos como individualidades autónomas foi analisada por Humberto Brito, tendo como ponto de partida os textos de Pessoa sobre a Ibéria (cf. "The Iberian Problem", 2011, texto cedido pelo autor).

permitam a transformação do Portugal real nesse desejado Quinto Império. Esta seria pelo menos uma das consequências do processo de auto-proclamação por parte de Pessoa como homem de génio, pois se os seus objectivos fossem alcançados seria precisamente na medida em que as condições necessárias para a concretização do Quinto Império teriam sido cumpridas, sendo a sua função a de reconhecer estas condições e responder a elas:

Um volume: *O Quinto Império*.

Creação do sentido mystico da nacionalidade (isto os Homens de Genio é que podem fazer)

1. (a) Creação do sentido mystico da nacionalidade (directamente)
- (b) Creação do orgulho nacional (indirectamente)
- (c) Creação da Cultura propriamente portugueza (ambos)

(t. 60)

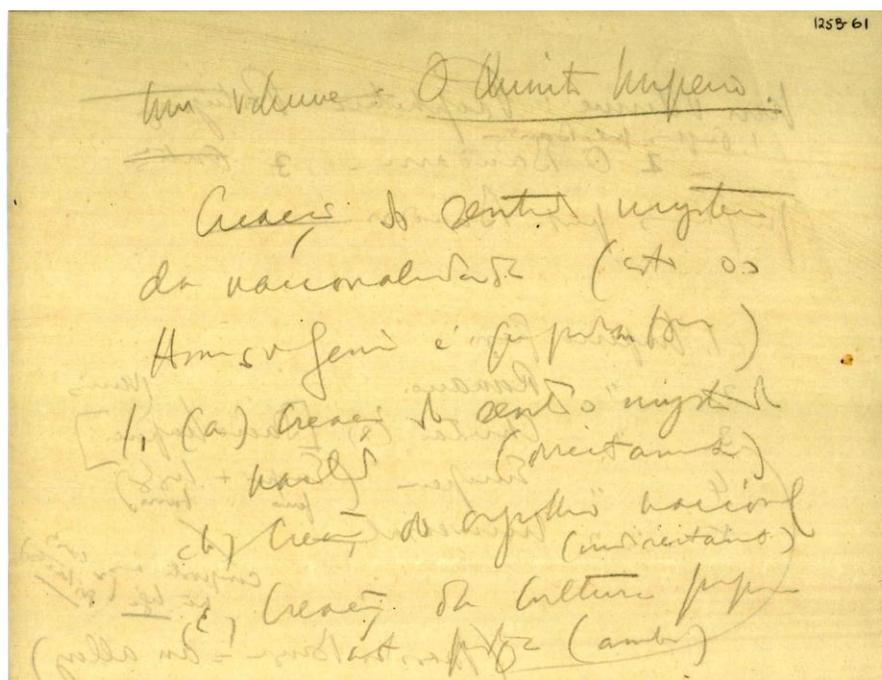


Fig. 7. BNP/E3, 125B-61' (pormenor)

Este propósito de estabelecer as condições necessárias para o desenvolvimento de Portugal, como nação definitiva de uma história sincrética das civilizações, pode ser reconhecido em vários períodos da escrita pessoana e ilumina a compreensão de múltiplos textos que, no final da sua vida, Pessoa pretendia finalmente organizar em forma de livro, reunindo e apresentando ao público alguns dos milhares de papéis que tinha armazenado na sua arca ou deixado dispersos em colaborações ocasionais em jornais e revistas. Um importante conjunto de textos deveria ser publicado, segundo um plano tardio, sob

o signo desse alto fim que o próprio reconhecia como a «criação do sentido mystico da nacionalidade»:

Quinto Imperio.

Primeiro Aviso.

1. Entrevista com Antonio Alves Martins.
2. Resposta ao Inquerito de Augusto da Costa.
3. Prefacio ao Q[uinto] I[mperio], de Ferreira Gomes.
4. O Quinto Imperio.
5. O Imperio Portuguez.

Com um breve prefacio
Publico neste livro cinco

Omitto neste os commentarios de Augusto da Costa, poisque são d'elle e não meus.

1. Resposta a um pequeno inquerito.
2. Resposta a um grande inquerito.
3. Prefacio a um livro prophetic.
4. O Quinto Imperio.
5. O Imperio Portuguez.

(t. 81)

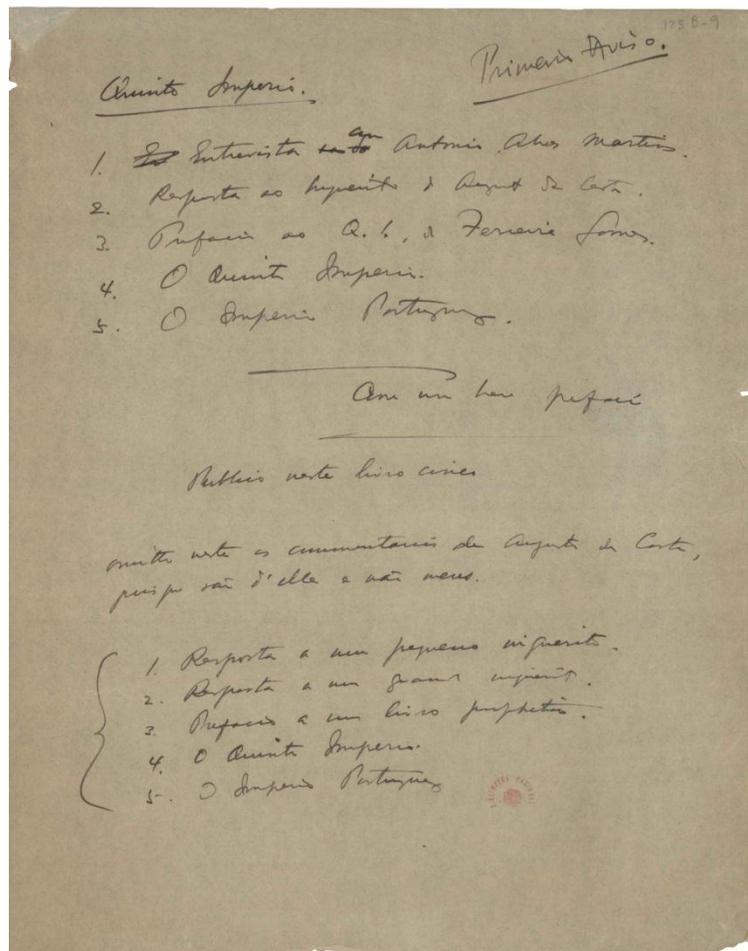


Fig. 8. BNP/E3, 125B-9^r

Neste plano de publicação, datável de 1934 ou 1935, Pessoa projecta um livro, sob o título de *Quinto Império*, que reúne três textos que tinha publicado dispersamente num espectro temporal de quase doze anos. O primeiro é a entrevista com António Alves Martins publicada em 1923 (t. 82), o segundo a resposta ao inquérito *Portugal, Vasto Império* publicada pela primeira vez em 1926 (t. 83) e o terceiro o prefácio ao livro de Augusto Ferreira Gomes, publicado em 1934 (t. 84). A estes textos, Pessoa acrescentaria mais dois conjuntos que com certeza seriam reelaborações dos esboços que durante anos tinha arquivado na sua arca. A este produto final acrescentaria o subtítulo *Primeiro Aviso*, possivelmente com a humildade de quem aceita que o seu sonho não viria a realizar-se em tempo de vida e se conforma em ter contribuído como arauto profético do que se empenhou em realizar. Numa interpretação mais ambiciosa, porém, diríamos que a palavra *aviso* deve ser interpretada à luz de um outro momento em que Pessoa a utiliza e que esta ocorrência é uma referência directa à sua própria obra, que não deixa de ser um modo de fortalecer os termos nos quais o próprio estabelece a relação entre si e a nação Portugal, no seu ambicionado percurso comum com vista à imortalidade.

*

Quando, em 1929, João Gaspar Simões escreveu a primeira análise publicada em livro da obra de Fernando Pessoa, sob o título *Temas*, Pessoa teve o gesto amável do criador que responde em carta de agradecimento ao crítico que o reconhecia como poeta de importância definitiva para as letras portuguesas. A carta que foi efectivamente enviada é simplesmente lacónica, poderia até dizer-se desinteressada. A verdade é que o espólio de Pessoa guarda um esboço da mesma carta, datada de 30 de Setembro de 1929, onde o breve agradecimento da versão que foi efectivamente enviada se encontra radicalmente modificado e passa por uma confessada comoção, como pode ler-se numa das passagens que Pessoa autocensurou na versão que Gaspar Simões chegou a ler: «o seu estudo foi o primeiro aviso, que me a Sorte concedeu, da vigilância dos Deuses por aqueles que os reconhecem com a substância da alma».¹⁹ O motivo da autocensura de Pessoa pode dar azo a muitas hipóteses, mas é difícil não reconhecer que se Pessoa tivesse enviado a carta a Gaspar Simões estaria igualmente a fazer-lhe um grande elogio, reconhecendo-o como o crítico adequado da grande obra que comenta. Este reconhecimento estaria em contraposição com as constantes correcções que Pessoa fez às interpretações de Simões, particularmente as de índole freudiana, nos anos seguintes, e ao constante trato sóbrio que o poeta manteve com os seus compatriotas da geração presencista. Dizer que Gaspar Simões é uma manifestação da vontade dos deuses e uma espécie de profeta da glória da obra pessoana parece

¹⁹ Cf. *Cartas entre Fernando Pessoa e os directores da presença*, 1998, p. 276

uma afirmação que não se espera de um estudioso contemporâneo da obra e que muito menos se esperaria que proviesse do próprio Fernando Pessoa. O que é interessante é ver como Pessoa não tem nenhum reparo em fixar essa mesma relação harmoniosa entre o crítico e o seu objecto quando este objecto é Portugal. É neste caso que Pessoa, ele sim, se figura como um «aviso» «da vigilância dos Deuses». Pessoa define-se não só como um promulgador do destino de glorioso de Portugal mas como uma prova concreta de que esse destino existe e se manifesta. *Mensagem* fixa esta relação, na sua secção intitulada *Os avisos*, e se bem que o seu caso não seja o primeiro, esse poeta anónimo a que alude o terceiro poema, continuador da acção inaugurada por Bandarra e prosseguida por Vieira, é a actualização de uma aliança entre a nação e a glória que lhe teria sido prometida.

Considerações Finais

A análise da história da escrita pessoana sobre sebastianismo e o Quinto Império mostra como ambos são aspectos ou facetas de uma mesma problemática, constituindo a dimensão mítica sobre a qual assenta essencialmente a sua escrita sobre nacionalidade. Seja tendo como objecto a figura messiânica do rei D. Sebastião ou a idealização do lugar onde se veria consumada a história de Portugal, Pessoa segue o mesmo preceito de um «creador de mythos», que seria «o mysterio mais alto que pode obrar alguém da humanidade».²⁰ É interessante verificar como os primeiros textos de Pessoa se centram na figura e os últimos no lugar onde se viriam consumadas as profecias, sendo que em ambos os casos estes visam uma temática global, não se ocupando exclusivamente de uma das suas facetas. A concentração dos últimos textos no Quinto Império implica a relação com uma tradição profética mais ampla, indo de encontro a um cosmopolitismo que Pessoa sempre reivindicou.

Na necessidade de justificar, perante Adolfo Casais Monteiro, o facto de *Mensagem* ter sido o seu primeiro livro publicado – para além dos *Poemas Ingleses*, aos quais confere o estatuto de meros «folhetos» – Pessoa define-se como um «nacionalista mystico» e um «sebastianista racional», ainda que seja «à parte isso, e até em contradicção com isso, muitas outras coisas».²¹ Esta necessidade de justificação perante o grupo da *presença*, que colocando em causa o valor de *Mensagem* se mostra mais interessado na obra dos heterónimos, como se a valorização de uma parte implicasse a sua oposição em relação à outra, terá pesado numa visão bastante difundida entre a crítica de que só uma radical heterogeneidade da obra de Pessoa poderia explicar a coexistência de facetas tão díspares como a escrita sobre sebastianismo e o Quinto Império e aquela que

²⁰ «Aspectos», em *Livro do Desasocego*, 2010, p. 446.

²¹ Cf. a carta a Adolfo Casais Monteiro de 13/1/1935, em *Cartas entre Fernando Pessoa e os directores da presença*, 1998, p. 251.

depende da criação de autores ficcionais. Esta visão vê-se frequentemente apoiada numa leitura muito precipitada desta e de outras passagens das cartas de Pessoa aos directores da *presença*. Vendo-se solicitado a justificar-se perante facetas da obra aparentemente tão diferentes – é em especial Casais Monteiro quem se confessa a este respeito surpreendido²² –, numa época de difusão de um nacionalismo político que Pessoa não apoiava, o seu emprego destas duas expressões definidoras confere-lhes, como notou José Augusto Seabra, «uma acepção que, pela sua própria contradição nos termos – pela sua *coincidentia oppositorum* –, transcende qualquer significação referencial, política ou histórica».²³ Centrando o seu pensamento sobre a nacionalidade no domínio do mito, Pessoa é plenamente consciente do seu cunho ficcional e que transcende uma facticidade histórica e sociopolítica.

Note-se como, segundo a citada definição de si próprio, Pessoa recorre a uma formulação a respeito do possível carácter contraditório da obra que aponta para o mesmo como possibilidade decorrente da diferença entre as obras, mas não como motivo fundador das mesmas. Analisando especificamente o caso de *Mensagem*, Onésimo Almeida defende que «[a] concepção do mito da greve geral exposta por [Georges Sorel] no seu *Réflexions sur la Violence* constituiria o pilar fundamental da visão que Fernando Pessoa possuía do papel do poeta e da poesia como mensageira do mito e mobilizadora do espírito das pessoas, único processo de actuação sobre a transformação da mentalidade portuguesa, da busca de saída do pessimismo inactivo [...] Era assim o “Sebastianismo racional” de que falava o próprio Fernando Pessoa, consciente do carácter de *fabricado* desse mito, mas ciente e convicto da operosidade do mesmo sobre as pessoas [...]».²⁴ Seguindo esta noção, Pessoa teria consciência da utilidade do mito criado *racionalmente*, para a qual aponta a aparentemente antitética asserção «sebastianista racional», e empreenderia a sua aplicação a partir de um certo tipo de afastamento, de despersonalização com carácter pragmático. Esta dimensão consciente e racional da sua concepção do mito não anula, no entanto, o cunho místico de certos textos, como o próprio aliás reconhece ao definir-se na mesma passagem citada como «nacionalista mystico». Estes dois momentos estão igualmente presentes tanto na criação dos heterónimos como no interesse de Pessoa por figuras míticas da história universal, com as quais frequentemente se identifica.²⁵ Se uma motivação para escrever a *Mensagem* do modo como o foi está associada ao processo

²² Cf. a carta escrita por Casais Monteiro a 10/1/1935, em *Cartas entre Fernando Pessoa e os directores da presença*, pp. 247-248

²³ José Augusto Seabra, *O Heterotexto Pessoaano*, 1985, p. 91.

²⁴ “Pessoa, *Mensagem* e o mito em Georges Sorel”, in *Actas. IV Congresso International de Estudos Pessoaanos*. Secção Brasileira, Vol. II. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1991, p. 215.

²⁵ Este propósito identificativo de Pessoa com figuras míticas da história, como nos casos de D. Sebastião ou do Rei Luís II da Baviera, foi sublinhado por Eduardo Lourenço (cf. nomeadamente “Fernando, Rei da Nossa Baviera”, em *Fernando Pessoa. Rei da Nossa Baviera*, 2008, pp. 7 a 26).

pragmático de adequação a uma ficção que visa ser apresentada perante uma sociedade com o fim de promover nela uma transformação, descrito por Onésimo Almeida, isto não deve ser visto como um afastamento de Pessoa da sua própria criação ou nos termos de uma auto-consciência absoluta dos seus próprios procedimentos autorais. Pessoa baseia-se numa noção de verdade a partir da qual esta surge inserida no campo da literatura, nos termos em que é expressa na epígrafe deste artigo:

Libertar a metaphysica da sua ambição de attingir a verdade, que, ou é inatingível de todo, ou só attingível pela sciencia, ou talvez só pela /religião/. Integrar, pois, a metaphysica na literatura, fazendo da construcção de mysterios philosophicos uma forma de arte, um entretenimento superior do espirito, do espirito literario sobretudo. (t. 21)

Se Pessoa usa o mito que *Mensagem* é, estando consciente de tê-lo «fabricado», torna-se, por outro lado e simultaneamente, de forma derivativa, ele próprio receptor daquele outro mito por ele expresso, segundo o qual «[...] ser um criador de mytos» é «o mysterio mais alto que pode obrar alguém da humanidade». Esta ideia viria ao encontro de uma expressa compreensão vocacional do que Pessoa entendia como o labor dos «Homens de Genio» ao qual corresponde a criação do «sentido mystico da nacionalidade»²⁶, abrindo assim espaço à convivência simultânea dos dois elementos da auto-descrição que o próprio fizera na carta a Casais Monteiro e que novamente citamos: «Sou, de facto, um nacionalista mystico, um sebastianista racional. Mas sou, à parte isso, e até em contradicção com isso, muitas outras coisas».²⁷

Ao apontar para a sua data de nascimento como a do segundo regresso de D. Sebastião (cf. t. 41), Pessoa, baseando-se nas profecias de Bandarra, figura-se capaz de o encarnar. Como sublinha noutro texto, tratar-se-ia não de um regresso «carnal» do rei, mas «no seu alto sentido simbólico, que é o verdadeiro» (t. 42). O propósito pessoano de identificação com o rei regressado não é tão surpreendente se virmos como outros processos de identificação com figuras míticas da história são comuns no poeta, o mesmo se podendo dizer em relação às personagens que criou e concebeu como heterónimos. A intuição de Joel Serrão ao caracterizar D. Sebastião como um *heterónimo* de Pessoa baseia-se precisamente neste facto e sublinha a proximidade entre a escrita sobre sebastianismo e a heteronímia²⁸. No entanto, sublinhe-se como uma tal aproximação poderá ofuscar diferenças essenciais entre os dois procedimentos, ainda que ambos sejam claramente relacionáveis com a criação mítica e uma construção de si próprio enquanto mito.

²⁶ Cf. t 60.

²⁷ Cf. a carta a Adolfo Casais Monteiro de 13/1/1935, em *Cartas entre Fernando Pessoa e os directores da presença*, 1998, p. 251.

²⁸ Cf. Joel Serrão, “Introdução”, em *Sobre Portugal: Introdução ao Problema Nacional*, 1979, p. 55.

O paralelo com a heteronímia é não só evidente relativamente à escrita em torno da figura de D. Sebastião, mas também no que respeita ao lugar idealizado como Quinto Império. Se «na eterna mentira de todos os deuses, só os deuses todos são verdade» (t. 82), o Quinto Império seria o lugar de revelação desta mesma verdade. Pessoa concebe-o como reunião e harmonização de elementos divergentes, projectando no futuro uma ideia de totalidade que subjaz à própria concepção da sua obra como conjunto de expressões da realidade, que organiza segundo o princípio da atribuição a diferentes figuras ou personagens autorais²⁹. Colocando-se numa mesma linha com Bandarra e Vieira e identificando-se ainda com o próprio objecto da profecia, Pessoa posiciona-se simultaneamente como figura eleita da história e profeta do destino da nação.

²⁹ O texto que melhor explicita esta concepção é «Aspectos», elaborado por volta de 1917 ou 1918 como prefácio à publicação da obra (cf. *Livro do Desasocego*, pp. 446-451).

Anexo

Primeiras publicações dos materiais previamente editados incluídos em *Sebastianismo e Quinto Império*:

- MARTINS, Alves, “As nossas entrevistas, O escritor Fernando Pessoa expõe-nos as suas ideias sobre os varios aspectos da arte e da literatura portuguesas”, em *Revista Portuguesa*, Lisboa: 13 de Outubro de 1923.
- PESSOA, Fernando, “Portugal, Vasto Imperio”, em *Jornal de Commercio e das Colonias*, Lisboa: 28 e 29 de Maio de 1926.
- ____ “Afonso Lopes Vieira o Poeta Nacionalista”, em *O “Noticias” Ilustrado*, Edição Semanal do Diario de Noticias. Lisboa 3 de Junho de 1928.
- GOMES, Augusto Ferreira, “O Renascer de um Simbolo Al-Motamide, o iniciador”, em *O “Noticias” Ilustrado*, Edição Semanal do Diario de Noticias. Lisboa: 15 de Julho de 1928.
- ____ “As Causas Longinhas da Homenagem a Al-Motamide”, em *O “Noticias” Ilustrado*, Edição Semanal do Diario de Noticias. Lisboa: 22 de Julho de 1928.
- PESSOA, Fernando, “Grande Inquerito sobre O Fado”, em *O “Noticias” Ilustrado*, Edição Semanal do Diario de Noticias. Lisboa: 14 de Abril de 1929.
- ____ *À Memória do Presidente-Rei Sidónio Paes*, Edição de João Gaspar Simões. Lisboa: Império, 1940.
- SERRÃO, Joel, *Sampaio (Bruno). Sua Vida e sua Obra*. Lisboa: Inquérito, 1957.
- COELHO, Jacinto do Prado, “Textos inéditos de Fernando Pessoa”, em *Colóquio Letras*, nº 20, Julho de 1974.
- PESSOA, Fernando, *Ultimatum e Páginas de Sociologia Política*, Recolha de textos de Maria Isabel Rocheta e Maria Paula Morão; Introdução e Organização de Joel Serrão. Lisboa: Ática, 1980.
- ____ *A Grande Alma Portuguesa: A Carta ao Conde Keyserling e Outros Dois Textos Inéditos*, Textos estabelecidos por Pedro Teixeira da Mota. Lisboa: Manuel Lencastre, 1988.
- CENTENO, Yvette K., *Fernando Pessoa: Os Trezentos e Outros Ensaios*. Lisboa: Presença, 1988.
- PESSOA, Fernando, *Rosea Cruz: Textos em Grande Parte Inéditos*. Estabelecidos, Coordenados e Apresentados por Pedro Teixeira da Mota. Lisboa: Manuel Lencastre, 1989.
- Pessoa Inédito*. Coordenação de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Livros Horizonte, 1993.
- TEIXEIRA, Luís Filipe. “A Mensagem ou o ‘Espírito da Utopia’ como Paradigma Pessoaano”, em *Mensagem: Poemas Esotéricos*. Edição crítica de José Augusto Seabra. Madrid [etc.]: Coleção Arquivos, 1993.
- PESSOA, Fernando, *Correspondência Inédita*, Organização e Notas de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Livros Horizonte, 1996.
- TEIXEIRA, Luís Filipe, *Pensar Pessoa*. Porto: Lello, 1997.
- CENTENO, Yvette K., *Fernando Pessoa: Magia e Fantasia*. Porto: Asa, 2004.
- PESSOA, Fernando, *Escritos sobre Génio e Loucura*, Edição Crítica de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2006.
- BARRETO, José, “Pessoa e Fátima”, em *Fernando Pessoa: O Guardador de Papéis*. Organizador Jerónimo Pizarro. Lisboa: Texto Editora, 2009.
- PESSOA, Fernando, *Sensacionismo e Outros Ismos*, Edição Crítica de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2009.
- Trovas do Bandarra*. Organização, notas e posfácio de Jorge Uribe. Lisboa: Guimarães, Coleção Pessoa Editor, 2010.

Bibliografia

- ALMEIDA, Onésimo T, «*Mensagem* – uma reavistação à luz da interminável torrente do espólio pessoano», em Steffen Dix e Jerónimo Pizarro (org.), *A Arca de Pessoa, Novos Ensaio*s
 _____ *Mensagem. Uma tentativa de reinterpretção*. Angra do Heroísmo: Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1987.
- _____ “Pessoa, *Mensagem* e o mito em Georges Sorel”, in *Actas. IV Congresso International de Estudos Pessoaanos*. Secção Brasileira, Vol. II. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1991.
- COELHO, Jacinto do Prado, “O nacionalismo utópico de Fernando Pessoa”, em *Colóquio Artes e Letras*, n.º 31. Lisboa: Dezembro de 1964.
- PESSOA, Fernando, “A Nova Poesia Portuguesa No Seu Aspecto Psicológico” em *A Águia* n.º 9, Setembro de 1912.
- _____ “A Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente Considerada” em *A Águia*, n.º 4, Abril de 1912.
- _____ “A Passagem das Horas”. *Poemas de Álvaro de Campos*. Edição de Cleonice Berardinelli, Série Menor. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990.
- _____ “Reincidindo” em *A Águia* n.º 5, Maio de 1912.
- _____ *Álvaro de Campos, Poesia*. Edição de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002.
- _____ *Da República (1910-1935)*. , Recolha de textos de Maria Isabel Rocheta e Maria Paula Morão; Introdução e organização de Joel Serrão. Lisboa: Ática, 1978.
- _____ *Escritos sobre Génio e Loucura*, Edição crítica de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006.
- _____ *Sebastianismo e Quinto Império*. Edição, introdução e notas de Jorge Uribe e Pedro Sepúlveda. Lisboa: Ática, 2011.
- _____ *Livro do Desasocego*, Edição crítica de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010, p. 446.
- _____ *Sensacionismo e Outros Ismos*, Edição crítica de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009.
- LOURENÇO, Eduardo, “Fernando, Rei da Nossa Baviera”, em *Fernando Pessoa. Rei da Nossa Baviera*. Gradiva, 2008.
- _____ “Pessoa e Camões”. In *Poesia e Metafísica*. Lisboa: Gradiva, 2002.
- _____ *O Labirinto da Saudade – Psicanálise Mítica do Destino Português*. Lisboa: Gradiva, 2000.
- MARTINES, Enrico. *Cartas entre Fernando Pessoa e os directores da presença*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998.
- SEABRA, José Augusto, *O Heterotexto Pessoaano*, Lisboa: Dinalivro, 1985.
- SERRÃO, Joel, “Introdução”, em *Sobre Portugal: Introdução ao Problema Nacional*, 1979.
- VIEIRA, António, “Esperanças de Portugal, Quinto Império do Mundo. Primeira e segunda vida de El-Rei D. João IV, escritas por Gonçalo Eanes Bandarra” em *Obras Escolhidas v. 6*. Edição de António Sérgio e Hernâni Cidade. Lisboa: Sá da Costa, 1952.
- ZENITH, Richard, “António Vieira, Imperador do Portugal pessoano”, em *Pessoa, Revista de Ideias*. Nº 3. Casa Fernando Pessoa, Junho de 2011.